

ACTO 1

Cena 1

Entra Ricardo, Duque de Gloucester, a sós

RICARDO É agora o inverno do nosso descontento
Que este filho de York torna verão radioso —
Um sol que as nuvens ensombrando a nossa casa
Vem dispersar, enterrando-as no oceano.
Cingem-nos a frente agora os louros da vitória
E as armas feridas pendurámos, quais moimentos.
O alerta guerreiro faz-se encontro deleitoso,
A marcha temível, bailado prazenteiro.
A guerra, façanhuda, desfranziu o cenho:
E em vez de montar corcéis albardados, 10
Espantando as almas de inimigos timoratos,
Saltita, leve, pela câmara das damas
Ao som lascivo e aprazível do alaúde.
Mas eu não sou apessoado para o gozo,
Nem talhado para adular o espelho amante.
É rude o meu molde e não tenho a majestade
Do amor, para me exhibir a uma ninfa atrevida.
Desfalcado que sou da bela proporção,
Roubado nas feições pela enganosa Natura,
Disforme, imperfeito, dado antes do tempo 20
Ao alento do mundo, nem meio acabado,

E tão mancamente e sem forma nem jeito
 Que os cães me ladram quando passo a coxear,
 Ora, eu (nesta paz fraca e flauteante)
 Não tenho deleites com que passar o tempo —
 A menos que contemple, ao sol, a minha sombra
 E faça trovas à minha desfigura.
 E assim, já que não posso ser amante
 Para desfrutar dias tão belos e melífluos,
 Estou decidido a revelar-me um vilão 30
 E detestar o ócio ameno destes dias.
 Já maquinei, preparei tramas nefastas,
 Predições ébrias, sonhos e calúnias
 Para pôr meu irmão Clarence e o Rei
 Um contra o outro, num ódio de morte;
 E se o Rei Eduardo for tão justo e honesto
 Quanto eu sou falso, ardiloso e traiçoeiro,
 Será Clarence hoje mesmo aferrolhado:
 Profetizaram a Eduardo que um tal G
 Dos seus herdeiros o assassino se prevê. 40
 Recolhei, pensamentos, à minh'alma — aí vem
Clarence.

Entram Clarence, sob escolta, e Brakenbury
[, Tenente da Torre de Londres]

Bom dia, irmão. A que vem esta guarda, em armas,
 Que assim serve Vossa Graça?

CLARENCE Sua Majestade,
 Cuidando da minha segurança, ordenou
 Que esta escolta me conduzisse até à Torre.

RICARDO E qual a causa?

CLARENCE Por meu nome ser George.

RICARDO Ora, meu senhor, a culpa não é vossa:
 Deveria mandar prender vossos padrinhos.
 Ah, quererá talvez Sua Majestade

Que vos baptizem de novo lá pela Torre. 50
Mas que se passa, Clarence, posso saber?

CLARENCE Sim, Ricardo — quando eu souber; por agora,
Garanto, nada sei. Ao que parece,
Ele dá ouvidos a sonhos e profecias,
E saiu-lhe do alfabeto a letra G,
Dizendo-lhe então um bruxo que, por G,
A sua prole deserddada há-de ser.
E começando meu nome George por G,
Ele infere que sou eu quem se antevê.
Segundo sei, são ninharias como estas 60
Que fazem Sua Alteza mandar-me prender.

RICARDO É no que dá quando as mulheres mandam nos homens;
Não é o Rei que assim vos manda para a Torre.
É a sua esposa, Lady Grey — é ela, Clarence,
Que o destempera, levando-o a tais excessos.
Não foi ela, com aquela honrada criatura,
Anthony Woodville, o irmão que tem consigo,
Quem fez o Rei mandar para a Torre Lorde Hastings —
Que hoje, enfim, de lá regressa, libertado?
Não estamos em segurança, Clarence, não estamos. 70

CLARENCE Pelos céus, não está ninguém em segurança
Para além dos parentes da Rainha e os estafetas
Que andam à noite entre o Rei e madame Shore.
Não ouvistes quão humilde para com ela
Foi Lorde Hastings, implorando que o soltassem?

RICARDO Por se queixar humildemente a tal deidade
Logrou o Lorde Camareiro a liberdade.
Ouvi o que vos digo: o que há a fazer,
Para estarmos nas boas graças do Rei,
É sermos lacaios dela, usar-lhe a libré. 80
Ela e a viúva desgastada e ciumenta,
Recebendo de nosso irmão a fidalguia,
São comadres que muito podem neste reino.

- BRAKENBURY Peço a Vossas Graças que me perdoem:
Sua Majestade ordenou expressamente
Que homem algum, de qualquer condição,
Conversasse com seu irmão em privado.
- RICARDO Deveras? Brakenbury, se vos aprouver,
Podeis ouvir o que temos para dizer.
Não é traição, homem: dizemos que o Rei 90
É sábio e virtuoso, e sua nobre Rainha
De boa idade, bela e sem ciúme;
Dizemos que a mulher de Shore tem pé formoso,
Lábio rubro, belos olhos, voz amena;
E que os parentes da Rainha afidalgaram.
Que dizeis, senhor? Podeis negá-lo?
- BRAKENBURY Em tais coisas, senhor, eu não me meto.
- RICARDO Meteres-te nas coisas de Madame Shore?
Bem — quem se meter com ela, a não ser um,
É bom que o faça a sós e em segredo. 100
- BRAKENBURY A não ser um, senhor?
- RICARDO O marido dela, tratante. Queres trair-me?
- BRAKENBURY Peço a Vossa Graça me perdoe — e, de todo,
Evítai conversar com o nobre Duque.
- CLARENCE Sabemos que ordens tens — e obedecemos, Brakenbury.
- RICARDO Quais serventes da Rainha, obedecemos.
Adeus, irmão. Vou até junto do Rei;
E o que depender de mim — nem que seja
Chamar irmã à viúva do Rei Eduardo —
Fá-lo-ei para vos pôr em liberdade. 110
Por ora, esta grave afronta à fraternidade
Toca-me mais fundo do que imaginais.

CLARENCE Sei que não agrada a qualquer de nós.

RICARDO Bem, não há-de ser longo o vosso cativoiro:
Hei-de soltar-vos, ou então tombar por vós.
Paciência, entretanto...

CLARENCE Que remédio. Adeus.

Sai Clarence [com Brakenbury e a Guarda]

RICARDO Vai, que por esse caminho não voltarás.
Simplório Clarence, gosto tanto de ti
Que em breve mando a tua alma para o céu —
Se o céu aceitar a prenda de nossas mãos.
Mas quem vem lá? Hastings, recém-libertado?

120

Entra Lorde Hastings

HASTINGS Bons dias a Vossa Graça, meu senhor.

RICARDO E também ao meu bom Lorde Camareiro.
Sede muito bem-vindo a este ar livre.
Que tal se deu Vossa Senhoria no cárcere?

HASTINGS Nobre senhor, com a paciência de um cativo;
Mas viverei o quanto baste para dar graças
A quem foi causa do meu aprisionamento.

RICARDO Não duvido, não duvido — e assim com Clarence,
Pois quem é vosso inimigo é também dele
E a ele se impôs tanto quanto o fez convosco.

130

HASTINGS Mais pena é que fechem as águias na muda
Enquanto abutres rapinam livremente.

RICARDO Que novas trazeis do mundo?